

Ciência e Subterfúgio em “Economics”¹

Jayati Ghosh²

A economia tradicional tem uma tendência de postular certas conclusões como “bem estabelecidas”, para depois mantê-las, apesar de todas as evidências em contrário. Isso já é ruim o suficiente, mas o que pode ser pior para uma disciplina que afirma ser uma ciência do que ser acusada de falta de esforço na replicação de resultados empíricos. Ora, esse tipo de esforço é padrão e essencial na maioria das ciências naturais; em “Economics”, ao contrário, há muita indiferença e, ocasionalmente, uma resistência feroz a ele. Em alguns casos, os dados necessários para replicar as estimativas econométricas são negados aos outros pesquisadores interessados.

Muitas vezes, a razão desse proceder é profundamente política; eis que os resultados são promovidos e disseminados de acordo com visões da economia que se associam a posições ideológicas particulares, assim como a posições políticas decorrentes. Por exemplo, os trabalhos empíricos que apoiam a austeridade fiscal ou a desregulamentação do mercado são citados extensivamente e se tornam, assim, base para justificar certas políticas econômicas. Muito raramente tais trabalhos estão sujeitos a escrutínios – por exemplo, que desafiem as suas suposições ou questionem os procedimentos estatísticos adotados – algo que é norma de pesquisa nas ciências naturais.

Considere a afirmação feita por Stephen Moore e Arthur B. Laffer de que os cortes nos impostos feitos por Trump nos EUA não apenas se pagariam por si mesmos, mas também reduziriam o déficit do governo já que gerariam mais investimentos privados. Essa alegação estava completamente errada; entretanto, a realidade econômica parece ter tido pouco impacto sobre aqueles que acreditam na afirmação da Curva de Laffer, segundo a qual taxas de impostos mais baixas gerarão maiores receitas tributárias.

Agora, um novo artigo da Servaas Storm efetivamente destrói outro tropo³ famoso da economia neoliberal: o argumento de que a “rigidez” do mercado de trabalho reduz a produção e o emprego. Uma das investigações empíricas mais citadas em apoio a esse argumento é um artigo de Timothy Besley e Robin Burgess que usou dados da produção manufatureira dos estados indianos para o período de 1958-92 (*ver o resumo do artigo desses dois autores no quadro em sequência*). Besley e Burgess afirmaram que as regulamentações pró-trabalho em alguns

¹ Artigo publicado no portal Project Syndicate, em 14 de fevereiro de 2019. Título original: *Science and subterfuge in Economics*.

² Jayati Ghosh é professora de ciência econômica na Universidade Jawaharlal Nehru em Nova Deli, Índia.

³ N. T. Diz-se dos argumentos por meio dos quais os filósofos céticos da Antiguidade procuravam demonstrar a inutilidade da busca pela verdade (p.ex., o argumento de que a multiplicidade insuperável de experiências ou personalidades humanas jamais permitirá a formulação de uma concepção única e privilegiada da verdade)

estados resultaram em menor produção, emprego, investimento e produtividade e até aumentaram a pobreza urbana, em relação aos estados que não adotaram tais regulamentações.

A regulação trabalhista pode prejudicar o desempenho econômico? Evidências da Índia⁴

Timothy Besley Robin Burgess

Resumo

Este artigo investiga se a regulação das relações industriais de trabalho nos estados indianos afetou o padrão de crescimento da produção no período de 1958-1992. Mostramos que os estados que adotaram a *Lei de Disputas Industriais (Industrial Disputes Act)*, a qual tem um viés pró-trabalhador, tiveram uma redução na produção, emprego, investimento e produtividade na manufatura registrada ou formal. Em contraste, a produção na manufatura não registrada ou informal aumentou. A regulação na direção pró-trabalhador também pareceu estar associada ao aumento da pobreza urbana. Isso sugere que tentativas de restabelecer o equilíbrio de poder entre capital e trabalho podem acabar prejudicando os pobres.

A conclusão desse artigo veio sustentar a sabedoria convencional de que a regulação do mercado de trabalho é prejudicial à expansão industrial e de que a maneira de aumentar a produção e o emprego na manufatura é promover mais “flexibilidade” no mercado de trabalho, revogando as leis que protegem os trabalhadores. Essa sabedoria prevaleceu não apenas na Índia; ela influenciou políticas trabalhistas em uma ampla gama de países em desenvolvimento. Embora vários economistas tenham levantado sérias dúvidas sobre a metodologia adotada por Besley e Burgess, as suas críticas nunca tiveram muita força entre os formuladores de políticas.

Mas a crítica de Storm é mais profunda, já que o seu estudo mostra uma falha na replicação das descobertas de Besley e Burgess; demonstra que a sua conclusão sobre o impacto da regulamentação trabalhista no desempenho da manufatura é estatisticamente não robusta (*ver o resumo do artigo de Storm no quadro em sequência*). Mostra também que os resultados não são apenas inconsistentes com as próprias suposições teóricas dos autores, mas também que são internamente contraditórios e empiricamente implausíveis. Storm chega à conclusão devastadora de que “o artigo é constrangedor do ponto de vista profissional...”. Ele ilustra de modo quase perfeito como uma “combinação de pretensão científica e um profundo desejo de respeitabilidade pode levar a um

⁴ Timothy Besley Robin Burgess – Can Labor Regulation Hinder Economic Performance? Evidence from India. In: *The Quarterly Journal of Economics*, Volume 119 (1), 2004, p. 91–134.

empirismo gratuito em que os pressupostos teóricos vencem as evidências empíricas".

Leis trabalhistas e desempenho manufatureiro na Índia: como evidências e progressos ficaram em suspenso⁵

Servaas Storm⁶

Resumo

Proteções trabalhistas fortes para trabalhadores comuns são frequentemente retratadas como luxos que os "países em desenvolvimento não podem pagar". Nenhum estudo foi mais influente na propagação desse tropo perverso no contexto da economia indiana do que o artigo do QJE de Besley e Burgess (2004). Seu artigo fornece evidências econométricas de que a regulamentação pró-trabalhadores resultou em menor produção, emprego, investimento e produtividade no setor manufatureiro formal na Índia. Este artigo analisa as críticas existentes a Besley e Burgess (2004), as quais destacam erros conceituais e de medição que revelam fragilidades econométricas.

O artigo dá um passo além: relata que houve uma falha em replicar os resultados de Besley e Burgess e demonstra a não robustez de seus resultados. A desconstrução não atinge apenas a econometria. Mostra que as descobertas de Besley e Burgess são não apenas inconsistentes com seus pressupostos teóricos, mas também internamente contraditórias e empiricamente implausíveis, sobrecregendo a capacidade de crença de qualquer pessoa. O artigo, escrito por dois "economistas úteis", exibe um empirismo gratuito em que os pressupostos vencem as evidências. Em todos os aspectos, ele falha no teste de ser útil ao propósito de dar um conselho de política pública baseado em evidências.

Ora, como Besley e Burgess conseguiram isso? Por que esses resultados não foram amplamente destruídos na literatura e nos círculos políticos? Afinal de contas, este artigo foi publicado em uma revista de economia em que há revisão cega por uma dupla de pares. Foi usado para justificar uma onda de desregulamentação do mercado de trabalho em todo o mundo, prejudicandoativamente os trabalhadores. A profunda cumplicidade da profissão de economista – assim como das principais revistas acadêmicas que conferem “respeitabilidade” às pesquisas – precisa ser admoestada por isso.

Não é segredo que a economia tradicional opera a serviço do poder. John Kenneth Galbraith observou, em 1973, que o establishment na área de Economia havia se tornado um “aliado inestimável daqueles cujo exercício do poder

⁵ Storm, Servaas - Labor Laws and Manufacturing Performance in India: How Priors Trump Evidence and Progress Gets Stalled. Working Paper No. 90, Janeiro de 2019

⁶ Servaas Storm é professor de ciência econômica na Universidade Técnica de Delft, Holanda.

depende de um público aquiescente". No mínimo, a adoção desse papel por parte dos economistas se fortaleceu desde então. Mas também tornou as opiniões dos economistas menos relevante, assim como reduziu a legitimidade e a credibilidade deles. Os economistas não são mais vistos por grande parte do público como pessoas que fazem as perguntas certas e que as procuram com integridade.

Para recuperar a credibilidade, a teoria econômica precisa se tornar mais aberta à crítica de suposições, métodos e resultados. As verdades inconvenientes faladas por vozes discordantes não podem ser ignoradas indefinidamente. Mais cedo ou mais tarde, a realidade morde.